

OS SIGNIFICADOS DA CRÍTICA À RELIGIÃO EM FEUERBACH

THE MEANINGS OF CRITICISM OF RELIGION IN FEUERBACH

Gerson Lucas Padilha

Doutor pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo, Paraná, Brasil. Email: gersonlucas.padilha@gmail.com. Orcid: 0009-0002-5010-66 90.

Resumo: O propósito deste artigo é explicitar as ideias e/ou determinações fundamentais concernentes à crítica à estrutura da alienação religiosa, tais como foram elaboradas por Ludwig Andreas Feuerbach em sua obra denominada *A Essência do Cristianismo*. Feuerbach fundamenta a crítica à teologia na antropologia. Nesta perspectiva, Deus se estabelece como a manifestação estranhada ou invertida das qualidades humanas genéricas objetivadas. Assim, todos os atributos designados a Deus: amor, poder, sabedoria, justiça, infinitude e outros, não passam de potencialidades humanas estranhadas. Esta oposição entre o humano e o divino implica em uma contradição aparente/ilusória, que mistifica o antagonismo essencial entre o indivíduo e o seu gênero. Assim, uma vez que o ser humano não se reconhece em suas características genéricas acaba projetando-as em Deus. Desta maneira, quanto mais predicados se designa a Deus, mais empobrecida e esvaziada se torna a condição humana. Desse modo, ocorre uma inversão na relação entre sujeito e predicado, onde o indivíduo não se reconhece como ator e autor do desenvolvimento histórico-cultural e passa a ser apenas o espectador dos desígnios de Deus.

Palavras-chave: Alienação. Deus. Homem.

Abstract: The purpose of this article is to explain the fundamental ideas and/or determinations concerning the critique of the structure of religious alienation, as elaborated by Ludwig Andreas Feuerbach in his work called *The Essence of Christianity*. Feuerbach bases the critique of theology on anthropology. In this perspective, God establishes himself as the estranged or inverted manifestation of the generic human qualities objectified. Thus, all the attributes designated to God: love, power, wisdom, justice, infinity and others, are nothing more than estranged human potentialities. This opposition between the human and the divine implies an apparent/illusory contradiction, which mystifies the essential antagonism between the individual and their gender. Thus, since human being do not recognize themselves in their generic characteristics, they end up projecting them onto God. In this way, the more predicates one assigns to God, the more impoverished and emptied the human condition becomes. In this way, there is an inversion in the relationship between subject and predicate, where the individual does not recognize himself as an actor and author of historical - cultural development and becomes merely a spectator of God's designs.

Keywords: Alienation. God. Man.

INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como intenção analisar a¹ crítica à alienação religiosa, tal como foi elaborado por Feuerbach em *A Essência do Cristianismo*, obra publicada em 1841 na Alemanha. Feuerbach desloca a interpretação sobre os fatos e ideias que estavam apoiadas na religião e em princípios abstratos do idealismo alemão para as explicações fundadas em critérios sensíveis experimentados no cotidiano da vida. Desse modo, o estatuto da crítica da teologia se transformou em antropologia. Isto é, o conhecimento sobre Deus passa a ser a explicitação das potencialidades humanas genéricas objetivadas. Assim, na teoria de Feuerbach, o homem reencontra-se consigo mesmo no bojo da crítica religiosa, passando a ser o demiurgo da sua própria história, em detrimento de um ser fadado a seguir os preceitos divinos traçados a priori, na história.

Desta forma, mesmo a despeito do propósito explicitado pelo autor, a crítica religiosa feuerbachiana desempenhou importante função social no contexto ideopolítico da Alemanha, sobretudo na década de 40, do século XIX. Na anacrônica Alemanha da época², ainda imperava a herança de concepções da estrutura feudal, cuja justificação ideológica estava assentada na religião cristã. Sua conformação sociopolítica estava fundada na onipotência da vontade divina, a qual não era passível de ser transformada. No entanto, a filosofia de Feuerbach, ao se propor em desmistificar os dogmas religiosos, postula por extensão, o questionamento da estrutura social vigente. Desse modo, o homem, ao desembaraçar-se dos imperativos teológicos, reivindica para si enquanto livre agente, a possibilidade de reinventar a si e a sociedade na imanência do tempo de um mundo desencantado, o qual é a medida do seu próprio esclarecimento (Schütz, 2001, p. 19-21).

¹ A partir daqui até o final, o texto foi extraído literalmente do primeiro subcapítulo (parte do capítulo 1) de minha dissertação de mestrado intitulada *A relação entre os conceitos de alienação e fetichismo da mercadoria no pensamento de Karl Marx*. Do texto original foi acrescentado subdivisões (introdução, considerações finais etc.) bem como, foram feitas adequações no tempo verbal do último parágrafo, além de uma frase final no texto, para que ele ganhasse um caráter sistemático de artigo.

² Na primeira metade do século XIX, à situação do país, que viu nascer Marx e Feuerbach, foi caracterizada mediante à expressão miséria alemã. “Não se tratava apenas da penúria material da massa da população: tratava-se, antes, da situação sociopolítica alemã. É verdade que na entrada do século 19, enquanto a Inglaterra tornava-se a ‘oficina do mundo’, desenvolvendo a sua indústria moderna, e na França já se instalava a manufatura, a Alemanha continuava um país essencialmente rural, com três quartos dos seus 23 milhões de habitantes vivendo no campo, numa economia de base inteiramente agrária. Todavia, o mais importante dado da miséria alemã era o atraso das suas instituições sociopolíticas. (...) a Alemanha se articulou numa confederação de 39 Estados, formalmente soberanos, a Confederação Germânica, sob a clara dominação da Prússia. (...) Realmente, na terceira década do século 19, a Confederação Germânica não se apresentava como um Estado nacional unificado, constitucional e moderno: era um conjunto de quase quatro dezenas de Estados, com um sistema de representações políticas diversificados e restritivos, inexistência de laicização de fato, burocracia de raiz feudal e uma inequívoca dominação da nobreza fundiária. Nessa enorme distância política-institucional que separava a Alemanha da Inglaterra e França, residia o essencial da miséria alemã” (Netto, 2009, p. 10-12).

CRÍTICA AOS FUNDAMENTOS DA ALIENAÇÃO RELIGIOSA

Em *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach afirma que a diferença substancial entre o homem em relação ao animal, reside no fato de que o homem possui a religião. Diferente do animal que, em conformidade com as características específicas de seu aparelho perceptível, possui o sentimento de existência individual, discernimento e juízo sensorial sobre os objetos que o afetam, o indivíduo dispõe da consciência no sentido rigoroso. A consciência humana, tomada no sentido rigoroso, ocorre porque o homem tem como objeto, não apenas a sua própria individualidade, mas o seu gênero, sendo, portanto, autoconsciente. O ser genérico é o ente que, na sua particularidade, traz a universalidade do gênero humano. A consciência, além de ser o fundamento antropológico da religião, é igualmente o elemento que está na base da ciência. O saber científico é a possibilidade do ser humano aprender a unidade do ser em meio à multiplicidade dos fenômenos.

O animal tem a vida simples, isto é, uma relação de identidade entre a dimensão interior e exterior da vida; já o homem possui a vida exterior diferente do interior. Em função de sua disposição natural determinada pelo instinto, o animal não consegue exercer as suas atividades genéricas de segunda ordem sem um referencial externo que estimule os sentidos. O homem, por ter subjetivamente a dimensão essencial da vida, pode exercitar suas potencialidades genéricas relacionadas ao pensar e o falar, sem necessidade de outro objeto externo. Assim, “o homem é para si ao mesmo tempo eu e tu” (Feuerbach, 2007, p. 36).

Segundo Feuerbach “A essência do homem em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião” (Feuerbach, 2007, p. 14). Ou seja, a consciência genérica foi o que possibilitou o homem constituir, no curso da história, a religião, embora simultaneamente, não reconheça nela a sua essência objetivada. A religião é formada pela consciência universal e infinita. Por isso, ao animal, que não possui a religião, não pode lhe ser atribuída a consciência, mas a determinação limitada do instinto, pois: “um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos consciência, do que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência” (Feuerbach, 2007, p. 14). Já no que se refere ao estatuto antropológico da religião, ela é considerada a manifestação da consciência que, ao buscar abarcar a infinitude do mundo, acaba por demonstrar sua própria infinitude. Ou, dito de outro modo, a infinitude de Deus expressa a infinitude da consciência do gênero humano.

Então, o que caracteriza o gênero do homem quando este pensa ter a consciência do infinito? A realidade humana é constituída pela razão, pela vontade e pelo coração. “A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor” (Feuerbach, 2007, p. 14). Estes poderes verdadeiros e perfeitos, que constituem a

unidade da trindade do homem, compõe a própria finalidade de sua vida. “Conhecemos para conhecer, amamos para amar, queremos para querer, para sermos livres” (Feuerbach, 2007, p. 14). Eles não são meros atributos do sujeito, mas constituem a própria essência humana enquanto tal, isto é, o seu Deus interior.

O homem toma consciência da sua essência genérica mediante a relação que estabelece com os objetos, sejam eles sensoriais ou espirituais. Mesmo os objetos que ficam mais distantes da visão: o sol, a lua e as estrelas, despertam nele o “conheça-te a ti mesmo”. Um exemplo deste fato é o caso dos pensadores gregos que formulavam suas teorias sobre o cosmo, a polis e sobre si próprios, balizados pela admiração e contemplação da *physis*.

Assim, mediante o exercício das suas capacidades essenciais que se processam na relação com os objetos que os correspondem, o homem, enquanto ser supremo, contempla em si mesmo, seu Deus interior. Por isso, o poder do objeto do pensar, do querer e do sentir, manifesta o próprio poder da razão, da vontade e do sentimento, respectivamente. Ao apreciarmos uma bela música, despertamos para a beleza do sentimento que está presente potencialmente em nós. Igualmente, quando o homem, por força da moral, abandona um costume ou domina as paixões, reconhece o triunfo da vontade sobre si. “Portanto, se pensas o infinito, pensas e confirmas a infinitude da faculdade de pensar; se sentes o infinito, sentes e confirmas a infinitude da faculdade de sentir” (Feuerbach, 2007, p. 41).

Desta forma, o indivíduo comparado ao gênero humano perfeito e infinito é um ser limitado e finito³. Da mesma maneira, aprende-se o caráter divino do sentimento quando ele é dirigido a Deus. “Se, p. ex., é o sentimento o órgão essencial da religião, então nada mais expressa a essência de Deus, a não ser a essência do sentimento” (Feuerbach, 2007, p. 17).

O sentimento⁴ é a essência subjetiva e objetiva da religião. Ou seja, o sentimento está na origem e na contemplação de si, mediante o exercício da prática religiosa, efetivada na relação

³ É na consciência da contradição insolúvel da condição humana, isto é, entre a finitude do indivíduo e a infinitude do gênero humano, que cada pessoa tem a possibilidade de atingir a autonomia enquanto sujeito autossuficiente, portanto, emancipado, que trata a si e aos outros como um fim em si mesmo.

⁴ “O sentimento de dependência é a base da religião, mas o objeto primitivo desse sentimento é a natureza, logo é a natureza o primeiro objeto da religião” (Feuerbach, 1989, p. 29). Observa-se que nesta obra, Feuerbach fundamenta a religião não apenas no homem (Antropologia), mas também, na natureza (Fisiologia). O sentimento de dependência é o fundamento da religião, e o elemento correlato que o impulsiona é o medo. A explicação do fenômeno religioso pelo medo é comprovada pela experiência dos diferentes povos no transcurso da história. Ao medo está associado o temor em relação aos fenômenos naturais externos ao homem, tais como, rios e mares revoltosos, o fogo, a tempestade, o trovão, e outros; e os fenômenos internos, doenças, medo da fome, da morte, do mal estar e outros. Alguns destes, mesmo doenças, febres, pestes, incêndios e deuses maléficos, eram prestados adoração, pois não cabe ao homem dominar essas forças. Mas, Feuerbach adverte que: “o medo não é a explicação completa e suficiente para a religião, não somente pelo motivo alegado por alguns, de que o medo é um sentimento passageiro, porque o objeto do medo permanece pelo menos na imaginação, sendo até mesmo a principal característica do medo, o fato de ele se estender para além do presente, o fato de ele temer males possíveis e futuros, mas também, porque ao medo segue-se um

com os objetos religiosos. Contudo, o objeto da religião – Deus – é apenas um exemplo que caracteriza o caráter divino do sentimento humano, pois apenas o divino pode reconhecer o divino. O valor do objeto, com o qual o homem se defronta, só tem importância na medida em que tocar a natureza do sentimento. “O sentimento é, pois, sacralizado meramente por ser sentimento; o motivo da sua religiosidade é a sua natureza, é inerente a ele próprio” (Feuerbach, 2007, p. 42).

Do mesmo modo que o sentimento, outras forças, capacidades e atividades humanas estão na base da essência dos fenômenos religiosos. Deus é a objetivação das qualidades humanas em sua pureza ilimitada e livre. Este fato caracteriza o estranhamento religioso, pois, o homem atribui a existência dessas qualidades a uma entidade imaginária transcendente, e não mais se reconhece no objeto de seu engenho. Assim, Feuerbach transforma a crítica da teologia em antropologia. Isto é, Deus é a manifestação invertida das potencialidades humanas genéricas ocultadas.

A diferença da consciência em relação aos objetos sensoriais e espirituais está no fato de que, em relação aos primeiros, a consciência do homem – autoconsciência – é facilmente

sentimento oposto, uma vez que o perigo passou, e esse sentimento contrário ao do medo se prende ao mesmo objeto, bastando um pouco de atenção e reflexão para se perceber. Esse sentimento é o da libertação do perigo, do medo e da angústia, é o sentimento do arrebatamento, da alegria, do amor e da gratidão. Os fenômenos naturais causadores do medo e do terror, são, na maioria das vezes, os mais benignos em suas consequências. O deus que destrói árvores, animais e homens, através de seu raio, é o mesmo que reaviva os campos e prados através de sua chuva. De onde vem o mal, daí vem também o bem; de onde vem o medo, daí também a alegria” (Feuerbach, 1989, p. 33). Contudo, o que unifica a base da experiência religiosa é o sentimento de dependência. Ele atua justamente na contradição aporética fundamental da condição humana, a saber, um ser cujo objetivo essencial é viver, mas que tenha consciência que mais cedo ou mais tarde vai desaparecer da face da terra. Desse modo, o sentimento de finitude e de dependência são correlatos. Se o homem fosse imortal não existiria religião. Contudo, Feuerbach, adverte que “a religião é essencial ou inata ao homem; não a religião no sentido da teologia, ou do deísmo, da própria crença em deus, mas a religião enquanto nada mais expressa que o sentimento de finitude e de dependência da natureza por parte do homem” (Feuerbach, 1989, p. 37). Desse modo, Feuerbach faz uma distinção, entre religião e deísmo ou teologia, isto é, na crença em um ser a cima da natureza e do homem. Foi a teologia que arrancou o homem de suas conexões sensíveis com o mundo, fazendo dele um ser vaidoso e isolado. Em sua obra intitulada *Preleções Sobre a Essência da Religião*, Feuerbach resgata as teses principais que desenvolveu em *A Essência da Religião* (publicada em 1945) em que fez a crítica também ao Deus físico. Assim, se aproximou das religiões naturais, não para defendê-las em si mesmas, pois estão emersas de fantasias e superstições religiosas, mas para resgatar a natureza e o homem enquanto tal de sua concepção divinizada. Contudo, Feuerbach não pretende com isso, como lhe foi objetado, subjetivar Deus no homem, pois pondera que o amor despendido entre os homens não está imune à constatação de seus defeitos e falhas. Igualmente não pretende endeusar a natureza, pois embora ela seja a fonte inexorável da vida humana, não é provida de razão, vontade e coração, atributos que o homem contempla em si, na relação com a natureza. Após fazer essas distinções, Feuerbach confessa ser um ateu religioso nos seguintes termos: “religião não é originariamente algo à parte, distinto da essência humana. Somente depois, em seu desenvolvimento posterior, torna-se algo à parte, apresenta-se com pretensões especiais. Saio em combate somente contra essa religião arrogante, soberba, espiritual e que exatamente por isso tem por representante, uma classe oficial especial. Eu mesmo, não obstante ateu, confesso-me francamente pela religião no sentido indicado, pela religião da natureza. Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza; não me envergonho de depender da natureza, confesso abertamente que as influências da natureza não só afetam minha superfície, minha pele, meu corpo, mas também meu âmago, meu íntimo, que o ar que respiro em bom tempo atua beneficentemente não somente sobre meu pulmão, mas também sobre minha cabeça, a luz do sol não só ilumina meus olhos, mas também meu espírito e meu coração. E não creio, como o cristão, estar esta dependência em contradição com minha essência e por isso não espero também nenhuma redenção, nenhuma libertação desta contradição. Igualmente sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso perfeitamente natural e por isso sinto-me inteiramente conciliado com esta ideia” (Feuerbach, 1989, p. 38).

discernível em relação à consciência dos objetos, enquanto que em relação ao segundo, a consciência de ambos (homem e objetos religiosos) coincide. Isso ocorre porque os objetos sensoriais estão situados fora do homem, enquanto os religiosos estão radicados no interior dele mesmo. O objeto sensorial afeta o homem, independente da intenção e do juízo a seu respeito, enquanto os objetos espirituais precisam de um exame acurado para distinguir o divino do não divino. Não obstante, ambas as modalidades de objetos expressam a essência humana objetivada.

Através do conhecimento do homem tem-se o acesso ao conhecimento de Deus; e mediante a apreensão do conhecimento de Deus desvela-se que foi o homem o seu artífice. O fenômeno sociológico da religião é a expressão dos mais profundos segredos humanos sublimados. Desse modo, a religião, quando submetida à crítica, se coloca como a consciência primeira, embora indireta, do autoconhecer-se do homem. Por isso, a religião antecede a filosofia, pois primeiramente o homem tende a transferir o conhecimento para fora de si próprio, antes de reconhecê-lo dentro dele. Assim, a religião é associada à fase infantil da humanidade, pois a criança é o ser que tem o seu ser fora dele. A criança toma o seu eu como extensão do corpo materno. Do mesmo modo ocorre com o progresso sócio-histórico das religiões, onde, o que anteriormente era tomado por uma religião primitiva, como algo objetivo e sagrado, posteriormente, é tido por outra religião como algo subjetivo e humano. Deus, considerado em seus atributos morais e espirituais, nada mais é que a essência divina objetivada⁵ do homem.

A contraposição entre o divino e o humano é uma oposição ilusória que recobre a oposição essencial entre o homem e o seu gênero. A essência da religião, pelo menos a religião cristã analisada nesta obra – *A Essência do Cristianismo* – é a manifestação sensível das qualidades genéricas da humanidade, abstraídas das limitações das individualidades concretas.

No que se refere às qualidades de Deus, como sabedoria, bondade, justiça, amor, e outras, estas não passam de predicados humanos estranhados. Feuerbach não opera a distinção entre existência

⁵ “Em *A Essência do Cristianismo*, Deus foi meu objeto de estudo somente como ser moral, por isso não pude dar nessa obra uma imagem completa de meus pontos de vista e de minha doutrina. A outra metade de Deus que faltou, tive então de tratar numa outra obra, mas só poderia tratá-la, prática e objetivamente, numa obra onde fosse tratada a religião natural, que tem por objeto somente o Deus físico. Uma vez que mostrei em *A Essência do Cristianismo*, que Deus considerado segundo seus atributos morais e espirituais, portanto, como um ser moral, nada mais é que a essência espiritual do homem divinizada e objetivada e que a teologia, na verdade, em seu último fundamento e em seu resultado final é apenas antropologia; agora mostro em *A Essência da religião*, que o Deus físico ou o Deus considerado apenas como a causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais dos homens enquanto seres físicos e naturais, nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza, que então o segredo da teologia física é somente a física ou a fisiologia, mas fisiologia não no sentido restrito que tem atualmente e sim em seu sentido antigo e universal, quando então significava a ciência natural em geral. Por isso, se antes resumi minha doutrina na sentença: a teologia é antropologia, devo agora acrescentar: e fisiologia” (Feuerbach, 1989, p. 26- 27).

e essência, sujeito e predicado, afirmando que nenhum ser, seja a hipotética figura de Deus ou os sujeitos, em geral, sem qualidades, são seres sem objetividade, nulos, portanto, não ser. A ausência da designação de atributos e o não conhecimento sobre Deus são sinônimos e correspondem ao desencantamento da vida moderna.

Se, por um lado, o homem toma como verdades absolutas a experiência estética, o sentimento religioso e a consciência moral, por outro lado, a incognoscibilidade de Deus, resulta do perder-se do homem no mundo como aparente ser finito, revelando ainda um caráter religioso em sua postura. Com efeito, diferente de uma mera opinião subjetiva, o conhecimento da ideia absoluta de Deus está radicada no critério do gênero. Ou seja, o homem é o fundamento de Deus, e o gênero é a lei geral que possibilita o conhecimento sobre o homem e por extensão do próprio Deus. Assim, para Feuerbach:

Deus é então a essência do homem contemplada como a mais elevada verdade; mas, Deus ou, o que significa o mesmo, a religião é tão diversa quão diversa for a qualidade na qual o homem concebe esta sua essência, na qual ele a contempla como essência suprema (Feuerbach, 2007, p. 50).

O desenvolvimento da religião corresponde historicamente ao desenvolvimento da cultura humana. “Tudo que, num período posterior ou num povo culto é atribuído à natureza ou à razão é, num período anterior e num povo ainda inculto, atribuído a Deus” (Feuerbach, 2007, p. 60). As construções dos templos religiosos estão associadas ao valor que o homem designa as belas concepções arquitetônicas. Os artistas gregos depositavam nas estátuas de seus deuses o que julgavam como as melhores qualidades humanas, tais como, “dignidade”, “serenidade”, “magnanimidade”, “tranquilidade” e outras. Zeus era o deus mais forte, porque a força física era concebida como um atributo divino. Especialmente para os medievais, o fundamento do conhecimento era a fé em Deus, e as verdades eram reveladas pelos textos sagrados. Assim, tudo que a filosofia e a teologia consideravam, até então como Deus, era uma propriedade divina do homem; e tudo o que não era considerado como Deus, este o era. Por isso, diferente do ateísmo vulgar para o qual os predicados de Deus são desprovidos de sentido, ser ateu, no modo de pensar feuerbachiano, é reconhecer em Deus as potencialidades humanas projetadas e cultivadas aqui e agora no dia a dia da existência.

O conceito de Deus é derivado dos predicados do homem. O caráter divino das qualidades não deriva do fato de Deus as possuir, mas Deus as possui pelo fato de elas serem “divinas”. Desse modo, o sujeito (Deus) é o polo determinado da relação, e o predicado (homem) é o polo determinante. Este existe sem aquele, mas o contrário não é possível acontecer. Ou seja, no limite

da reflexão filosófica, Feuerbach atribui uma relação de identidade entre a essência de Deus e a essência humana.

Contudo, o homem por pensar ter a existência finita e, por conseguinte, a capacidade limitada de conhecer Deus, imagina saber apenas algumas de suas determinações, e o restante julga reconhecer futuramente, no mundo suprassensível. Assim, na religião concebida aqui enquanto teologia, o homem projetou, de forma estranhada, na onipotência da vontade divina, sua essência genérica, a qual se perdeu e não se reconhece mais enquanto tal. Quanto mais valor o homem atribui a Deus, em igual proporção, mais pobre fica. Desse modo, o criador está subordinado à criatura. Feuerbach exemplifica isso ao fazer alusão às figuras religiosos tradicionais dos monges e das freiras. Os monges reprimem a energia sexual ao fazerem voto de castidade a Deus, em compensação fizeram da Virgem Maria o modelo ideal da mulher perfeita. Já a freira “casa-se” com o próprio Deus. “Quanto mais o sensorial é negado tanto mais sensorial é o Deus ao qual o sensorial é crucificado” (Feuerbach, 2007, p. 56). Nesse sentido, o homem delega a Deus o que não reconhece como sendo seu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma constatamos que Feuerbach explicita, em sua obra, o fundamento humano da religião, em particular da religião cristã. Por isso, examina o conteúdo genuinamente religioso, a fim de evidenciar seu conteúdo/fundamento antropológico. Em seguida busca também contrapô-lo, por um lado, à doutrina teológica cristã, e, por outro, ao caráter especulativo da filosofia idealista. De certo modo, Feuerbach equipara religião e filosofia e as submete à mesma estrutura crítica. Diferentemente do que afirma Hegel, nem a religião, nem a filosofia contém apenas imagens fantásticas e afetivas de pensamentos abstratos, mas antes, ambas estão fundadas nos sentidos. Isto é, constituída pela unidade entre a dimensão racional e emocional, ou a material e espiritual do homem real e total. Portanto, para Feuerbach, a religião não deve ser tomada apenas como negação das potencialidades do homem, mas igualmente como portadora de suas qualidades humanas enquanto tais. Ela é negativa apenas no que diz respeito ao sentido teológico, onde a essência humana, tomada de forma fantástica e ilusória, é projetada em Deus (Schütz, 2001, p. 18).

Então, Feuerbach, em seu empreendimento teórico, ao elucidar as determinações

fundamentais que constituem o fenômeno religioso, pretende mostrar que Deus⁶ é a projeção estranhada da essência genérica objetivada do homem. Ou seja, no linear do desenvolvimento histórico, o homem criou Deus, o qual se desprende do seu criador, ganhou vida própria, passando a ser concebido como o centro da criação e da organização de tudo o que existe no cosmo. Desse modo, o criador não reconhece as suas potencialidades coaguladas no produto de sua criação imaginária, passando a ser subordinado a sua criatura. Contudo, o esclarecimento do estranhamento religioso pela reflexão filosófica ocorre e se equaliza nos limites da consciência. Ademais, aos predicados humanos é designada uma existência natural e imutável, independente das circunstâncias sócio históricas, por meio das quais foram influenciadas em seu desenvolvimento. Desse modo, o gênero humano (a espécie) é tido como algo que transcende o indivíduo, algo como um delineamento bastante estático, sobre o qual o indivíduo parece não ter influência histórica alguma. O viés ativo da produção do processo sócio histórico e da formação do próprio homem, bem como a superação da alienação que transcende o âmbito da consciência para a dimensão da praxis foi sistematizada anteriormente por Karl Marx (herdeiro de Feuerbach), algo que fica a ser analisado em um próximo artigo.

REFERÊNCIAS

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Tradução: José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução e notas: José da Silva Brandão. Campinas – SP: Papirus, 1989.

FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: 1843-1844 as origens do ser social / Celso Frederico*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Carlos. Carta de Marx a Feuerbach (París, 11 agosto 1844). In: MARX, Carlos. *Escritos de juventude*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo,

⁶“Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se, até hoje, da nebulosidade da religião para a opressão do homem. Minha intenção era mostrar que, os poderes diante dos quais o homem se curva e os quais teme na religião, diante dos quais ele não se intimida nem mesmo de praticar sangrentos sacrifícios humanos a fim de aplacá-los, são apenas criações de sua própria afetividade servil e medrosa, assim como de sua razão ignorante e inculta; mostrar que o ente diante do qual o homem se coloca na religião e na teologia, como um ser distinto dele próprio, é sua própria essência, para que o homem, uma vez que é sempre dominado, inconscientemente, só por sua própria essência, faça no futuro, conscientemente, de sua própria essência, isto é, da essência humana, a lei e o fundamento, a meta e o critério de sua moral e de sua política” (Feuerbach, 1989, p. 28). Nota-se que nesta obra escrita em 1851, diferente de *A Essência do Cristianismo* de 1841, aparecem as preocupações de Feuerbach com a temática da política. Não se tem notícia se Marx conhecia esta obra. Talvez Feuerbach foi influenciado por Marx.

2004.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. *In.* MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SCHÜTZ, Rosalvo. *Religião e Capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SCHÜTZ, Rosalvo. Propriedade privada e trabalho alienado: desvendando imbricações ocultas. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 87, ano VIII, agosto de 2008.

Recebido em: 24/04/2024.

Aprovado em: 18/12/2024.